



## TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE EGRESSOS DO ENSINO SECUNDÁRIO DO COLÉGIO CATARINENSE (1951-1960)

Juliana T. dos Santos de Mello <sup>1</sup>  
Norberto Dallabrida <sup>2</sup>

A presente pesquisa tem por finalidade verificar quais foram as escolhas universitárias de jovens concluintes do ensino secundário (cursos Clássico e Científico) do Colégio Catarinense, localizado na cidade de Florianópolis, formados entre os anos de 1951 e 1960. Este estudo focaliza os caminhos universitários que foram traçados por estes egressos após o término da escolarização secundarista. Procura compreender, precisamente, quais os cursos e instituições de ensino superior foram escolhidos para dar prosseguimento aos seus estudos.

Administrado pelos padres jesuítas, este colégio desenvolveu, desde a sua fundação em 1906, uma escolarização que visava preparar seus alunos para a inserção nos cursos de nível superior, mantendo um ensino voltado para a aquisição de saberes e condutas que seriam utilizados na continuação deste percurso escolar, bem como na vida profissional de seus educandos. No período de 1951 a 1960, duzentos e vinte e quatro jovens concluíram o ensino secundário no Colégio Catarinense. Foram encontrados os dados de escolarização do ensino superior de cento e doze egressos (cerca 47,3% do total de alunos formados), sendo que todos estes concluíram pelo menos um curso superior e seis deles concluíram duas graduações.

Os egressos do Colégio Catarinense eram reconhecidos nos processos vestibulares dos quais participavam. João Batista Rodrigues Jr. egresso formado no curso científico em 1951 relata em seu livro de memórias que

Só para se ter uma idéia da formação proporcionada pelo colégio, em época de vestibular, os paranaenses perguntavam:

- Quantos vieram do Catarinense?

- Quinze.

- Então só restam oitenta e cinco das cem vagas a serem preenchidas – diziam eles, tamanha era a fama do Catarinense por lá.<sup>3</sup>

No período recortado, o campo de possibilidades de inserção no ensino superior na capital catarinense era bem restrito, haviam poucos cursos oferecidos, as faculdades existentes eram

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e pesquisador do CNPq.

<sup>3</sup> RODRIGUES JÚNIOR, João Batista. **Eu benzo esta ilha**: memórias, reflexões e conceitos de um manezinho. Florianópolis: Nova Letra Gráfica e Editora Ltda, 2005, p.59.



privadas e as condições de ensino eram precárias. O campo do ensino superior ainda era tímido, com apenas algumas faculdades isoladas, priorizando cursos de baixo custo de implantação e de manutenção. Em vista deste panorama muitas famílias, priorizando a continuidade dos estudos de seus filhos, proporcionavam que estes fossem estudar em outras capitais do Brasil, principalmente Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

As escolhas dos ex-alunos serão analisadas a luz dos conceitos de capital cultural, capital simbólico e capital econômico, cunhados por Pierre Bourdieu. Este sociólogo francês, procurando compreender as trajetórias escolares e profissionais das diferentes classes sociais, buscou analisá-las refinando a simples compreensão economicista. Observando que o capital financeiro muitas vezes desdobrava-se em capital cultural, social e simbólico<sup>4</sup>. Para efeitos desta pesquisa não utilizou-se o conceito de capital social.

O capital cultural, para Bourdieu consiste na transmissão, feita pela família e posteriormente (e em menor grau) pela escola, de conhecimentos e vivências pertinentes à cultura legítima: a cultura da alta burguesia. Este capital, segundo este sociólogo existe sob três formas: incorporado (estado este que demanda tempo e que precisa acontecer sob um processo de inculcação e assimilação), objetivado (bens culturais) e institucionalizado (certificados e títulos conseguido através da escolarização institucionalizada)<sup>5</sup>. Já o capital simbólico, ou os efeitos simbólicos dos capitais, confere a uma pessoa prestígio dentro de uma determinada parcela do grupo social ou na sociedade em geral<sup>6</sup>.

Os dados foram recolhidos, junto aos alunos egressos, através de questionários e outras fontes de pesquisa que também foram utilizadas tais como: jornais de circulação local, jornais estudantis e relatórios do Colégio Catarinense.

### *Cultura escolar: foco na inserção nos cursos universitários*

Compreender em que consiste a cultura escolar de uma determinada instituição é uma tarefa árdua e instigante, pois esta cultura é multifacetada e se expressa em diversos aspectos presentes na escola. A cultura escolar é entendida por Julia<sup>7</sup> como “um conjunto de *normas* que definem

---

<sup>4</sup> BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73.

<sup>5</sup> NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 9-10

<sup>6</sup> NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.51.

<sup>7</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n.1, 2001.



conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Este conjunto de normatizações (currículo prescrito) fundamenta a transmissão de saberes e conhecimentos, bem como os comportamentos, habilidades que serão ensinados e, portanto esperados dos alunos ao final do seu percurso escolar. Esta transmissão e incorporação só são possíveis através das práticas (currículo posto em ação), que envolve principalmente a ação do corpo docente da instituição escolar, que faz a mediação entre o que está colocado nas normas e o que é ensinado nas salas de aula.

No período focalizado neste artigo, o currículo do Colégio Catarinense era prescrito pela Lei Orgânica do Ensino Secundário, decreto-lei da ditadura do Estado Novo, pensada e colocada em prática pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, em 1942<sup>8</sup>. No bojo desta legislação estava a concepção de uma modalidade de ensino que visava que seus conteúdos e comportamentos prescritos fossem ao encontro de uma preparação da adolescência brasileira, voltada para o acesso ao concurso vestibular e conseqüentemente ao ensino superior. Uma educação, sobretudo propedêutica e humanista, onde a formação possuía um caráter mais geral contribuindo para a construção de uma concepção de profissionalização que vislumbrava um caminho escolar o mais completo e longo possível.

A clientela a quem se destinava este nível de ensino era, de uma forma geral, os adolescentes e jovens do sexo masculino, oriundos das altas camadas da sociedade. Eram estes que estavam destinados a um dia virem a ser a elite dirigente do país, e para tanto precisavam ter um capital cultural incorporado lapidado na cultura legítima e diplomas escolares (capital institucional), não apenas concernentes ao ensino secundário, mas também de ensino superior. Assim a Lei Orgânica preconizava conhecimentos tidos como os mais valorizados pela sociedade (humanidades e ciências) e comportamentos condizentes com os futuros líderes da nação<sup>9</sup>.

Esta Lei Orgânica reorganizava o ensino secundário, ainda em dois ciclos, mas modificando para quatro anos o primeiro ciclo, nomeando-o de Ginásial, e três anos para o segundo ciclo, chamado de Colegial, separando-o em dois cursos: clássico (voltado para os estudos humanísticos) e científico (voltado para os estudos das ciências)<sup>10</sup>. Segundo Romanelli<sup>11</sup>, havia diferenças entre o

---

<sup>8</sup>BRASIL. Decreto – lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942. Estabelece as diretrizes para o ensino secundário em todo o território nacional.

<sup>9</sup> BRASIL. Decreto – lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942. Estabelece as diretrizes para o ensino secundário em todo o território nacional

<sup>10</sup>ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1996

<sup>11</sup> Idem.



Clássico e o Científico, mas estas não eram muito acentuadas. As disciplinas nestes dois cursos eram praticamente as mesmas, diferiam apenas quanto a carga horária e, além disso, somente no curso clássico eram ministradas as disciplinas Latim e Grego e somente no curso científico era ministrada a disciplina de Desenho.

O Colégio Catarinense não demorou a adaptar-se a nova lei e logo em 1943 já havia reformulado o currículo para oferecer os dois ciclos da forma como estava arremetida nos ditames legais. No entanto, observa-se que na década de 1950, poucos foram os alunos que se formaram no curso clássico (apenas quatro alunos, nos anos de 1955 e 1957). Houve uma predominância do curso científico, que segundo Dallabrida<sup>12</sup> deve-se à “tradição de estudos científicos” existente nesta instituição de ensino devido ao seu corpo docente ser composto em sua maioria por padres católicos alemães, que possuíam um sólido histórico no estudo das ciências naturais, bem como pelo caráter e o recorte masculino da educação ministrada neste colégio e o prestígio que a ciência vinha constituindo, à época, na sociedade brasileira. O Colégio Catarinense dispunha de laboratórios de Física e de Química, que possuíam equipamentos modernos, importados da Alemanha e que auxiliavam nas aulas práticas, indo além das exposições feitas pelos professores em sala de aula.

Neste período o vestibular para o ingresso nas faculdades e universidades era realizado integralmente ou parcialmente de forma oral, onde além de possuir uma formação consistente em relação aos conteúdos solicitados nas provas, também era importante conseguir expressar-se de forma clara e com segurança. Para esta preparação haviam as associações estudantis, onde os alunos eram convocados a discursarem em público, lapidando a prática da oratória e da expressão oral.

Uma destas associações era o Clube de Oratória Vieira, fundado em 1947<sup>13</sup>, destinado aos alunos internos, que visava o desenvolvimento da fala em público e da desenvoltura para discursar em diferentes ocasiões. Denota novamente a apropriação masculina da educação, além de demonstrar uma educação burguesa, pois tradicionalmente são os homens das classes abastadas que são chamados a ocupar os cargos públicos e que por isso precisam se expressar diante de grandes grupos, muitas vezes de improviso. Além da preparação para o vestibular oral, esta atividade consistia também em um ensaio preparatório para as profissões que necessitavam que espírito de liderança, boa oratória e desenvoltura em público.

---

<sup>12</sup> DALLABRIDA, Norberto. **Cultura escolar no ensino secundário: diferenças e cotejos**. Florianópolis, UDESC, 2009, p.3-4.

<sup>13</sup> SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada: cem anos do Colégio Catarinense**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005, p.181.



*Trajétórias universitárias: escolhas dentro de determinados campos de possibilidades*

O Colégio Catarinense, na década de 1950, com sua cultura escolar maculina, católica e de elite<sup>14</sup> tinha como principal objetivo educar os adolescentes e jovens da elite e das classes médias local e estadual. Para isso desenvolvia uma educação voltada para a preparação para o concurso vestibular, para o ingresso no ensino superior e para um bom desempenho profissional. Esta intenção educacional confirma-se empiricamente, dos cento e doze egressos encontrados nesta pesquisa todos concluíram ao menos uma graduação no ensino superior (conforme Tabela 1). Destes 52,67% concluíram sua formação em curso superior na cidade de Florianópolis e 47,33% em outras capitais brasileiras. Na Tabela 1 encontramos os dados obtidos nesta pesquisa quanto aos cursos escolhidos e concluídos pelos egressos do Colégio Catarinense que foram encontrados.

Tabela 01 – Cursos superiores do egressos do Colégio Catarinense

Curso	Florianópolis	Outra cidade	Total
Direito	34	6	<b>40</b>
Medicina	6	29	<b>35</b>
Odontologia	9	3	<b>12</b>
Engenharia	2	10	<b>12</b>
Farmácia	3	1	<b>4</b>
Ciências Econômicas	2	1	<b>3</b>
Administração	1	1	<b>2</b>
Química	1	0	<b>1</b>
Letras Anglo-germânicas	0	1	<b>1</b>
Filosofia	1	0	<b>1</b>
História Natural	0	1	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>53</b>	<b>112</b>

Fonte: Questionários dos egressos do Colégio Catarinense

A grande parcela dos ex-alunos que buscou continuar sua formação acadêmica em outra cidade deve-se, provavelmente ao fato do campo educacional catarinense, à época, ser muito precário. Havia poucas faculdades isoladas e nestas poucos cursos. Rodrigues Jr, ex-aluno do Colégio Catarinense e da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Florianópolis, descreve o leque de opções para quem se formava no curso secundário no início da década de 1950, ressaltando a precariedade e as restrições que haviam nesta cidade.

Fiz Odontologia por opção. Na época não era uma profissão muito procurada. O chique era fazer medicina, engenharia, direito, cursar os colégio militares – com exceção de direito, os demais tinham de ser cursados

<sup>14</sup> DALLABRIDA, Norberto. **Cultura escolar no ensino secundário: diferenças e cotejos**. Florianópolis, UDESC, 2009, p.3.



principalmente em Curitiba. Florianópolis só possuía faculdades de farmácia e odontologia, direito e ciências econômicas [na primeira metade da década de 1950].<sup>15</sup>

As expectativas sociais e familiares voltadas para os adolescentes e jovens do sexo masculino geralmente eram que estes escolhessem um curso que possuísse *status* social e que ao final trouxesse retorno financeiro, visto que cabia aos homens o sustento familiar, assim sendo os cursos de Medicina, Engenharia e Direito apareciam como principais opções a serem consideradas<sup>16</sup>.

A Faculdade de Direito foi fundada na década de 1930 e foi o destino de muitos formados no Colégio Catarinense, trinta e quatro ex-alunos dos cento e doze encontrados cursaram Direito em Florianópolis. Além destes mais seis concluíram este curso em outras cidades. Nos dados obtidos este foi o curso mais procurado pelos egressos do Colégio Catarinense. Krelling<sup>17</sup> salienta que desde o período imperial brasileiro aqueles que eram formados em cursos de Direito, eram vistos como os mais bem preparados para participar da vida pública e política do país. Um diploma que se desdobrava em capital simbólico<sup>18</sup> consolidado socialmente e ademais a conclusão deste curso desembocava em inúmeras possibilidades profissionais, tais como profissional liberal e as inúmeras carreiras públicas (promotor, desembargador, juiz, delegado e outras).

Outro curso muito procurado era o Curso de Medicina, que igualmente possuía um grande prestígio social e profissional. Este curso até o final da década de 1950 não poderia ser cursado na capital catarinense, pois apenas em 1960 Florianópolis passa a oferecer tal graduação. Conforme dados da Tabela 1, trinta e cinco alunos concluíram esta formação, mas apenas seis o fizeram em solo catarinense. Estes são provenientes das turmas de 1959 e 1960, do ensino secundário do Colégio Catarinense.

Um curso marcadamente maculino era o curso de Engenharia, concluído por doze egressos pesquisados. Esta formação possui um forte vínculo com a construção social do gênero masculino devido ao seu currículo, que possui uma grande carga horária de conteúdos provenientes das ciências exatas que são tidas como mais próximas das características masculinas, como a objetividade e o gosto pela tecnologia. Além disso, este também era um curso que socialmente

---

<sup>15</sup> RODRIGUES JÚNIOR, João Batista. Eu benzo esta ilha: memórias, reflexões e conceitos de um manezinho. Florianópolis: Nova Letra Gráfica e Editora Ltda, 2005, p. 119.

<sup>16</sup> BARROSO, Carmem & MELLO, Guiomar N. O acesso da mulher ao ensino superior. Cadernos de Pesquisa n° 15, p. 47-75, São Paulo, 1977, p.49.

<sup>17</sup> KRELLING, C. M. José Arthur Boiteux e o ensino superior em Santa Catarina: a fundação da Faculdade de Direito em Florianópolis em 1930. Trabalho de Conclusão de Curso. (Curso de História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis. UDESC 2010, p.59.

<sup>18</sup> NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.51



possuía prestígio, onde seus formados poderiam desempenhar suas funções em nos altos cargos das indústrias e empresas.

Uma outra opção para os formados do Colégio Catarinense na cidade de Florianópolis era o Curso de Odontologia, também procurado por doze dos ex-alunos encontrados nesta pesquisa. Por outro lado, nota-se a baixíssima opção pelos cursos de licenciatura, particularmente na área de Humanidades. Estes cursos eram vistos como destinos femininos, sejam por suas características humanísticas, seja pelo baixo prestígio e *status* social que estes possuíam junto à sociedade.

### *Considerações finais*

O grande número de egressos que conseguiram ingressar no campo do ensino superior e concluir ao menos um curso de graduação demonstra o efeito da cultura escolar do Colégio Catarinense, voltada para a continuidade da trajetória escolar. Esta instituição, que objetivava a educação daqueles que viriam a ocupar cargos de direção sabia que no percurso de chegada ao poder, era imprescindível a passagem pelas graduações universitárias. O ensino secundário consistia no acesso ao ensino superior e este último legitimava as posições de poder governamental e social.

Os cursos escolhidos para a continuidade da trajetória escolar traz as marcas da cultura masculina de elite, onde os caminhos preferidos visavam os cursos de maior prestígio social e que permitissem alçar os cargos de direção, seja nas instituições públicas, seja nas empresas privadas. Os cursos superiores escolhidos, em sua maioria, também eram baseados na sólida formação cultural e no desenvolvimento de habilidades voltadas ao altos cargos profissionais.

A falta de recursos educacionais no ensino superior na capital catarinense não era impedimento para que os egressos concluíssem cursos prestigiados socialmente (Medicina e Engenharia, por exemplo) em outras capitais brasileiras. As famílias que possuíam recursos financeiros para tal, não se furtavam a encaminhar seus filhos varões para estudarem em outras cidades. Assim compreende-se que as possibilidades dos formados do Colégio Catarinense na década de 1950 não ficavam restritas ao âmbito florianopolitano, sendo complementadas pelo campo de possibilidades existente em outras capitais.

### *Bibliografia*

BARROSO, Carmem & MELLO, Guiomar N. **O acesso da mulher ao ensino superior.** Cadernos de Pesquisa n° 15, p. 47-75, São Paulo, 1977.



BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Decreto – lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942. Estabelece as diretrizes para o ensino secundário em todo o território nacional. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm>>. Acesso em 31 de julho de 2009.

DALLABRIDA, Norberto. **Cultura escolar no ensino secundário: diferenças e cotejos**. Florianópolis, UDESC, 2009. (Não Publicado)

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n.1, 2001.

KRELLING, C. M. **José Arthur Boiteux e o ensino superior em Santa Catarina**: a fundação da Faculdade de Direito em Florianópolis em 1930. Trabalho de Conclusão de Curso. (Curso de História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis. UDESC 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Uma sociologia da produção do mundo cultural e escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RODRIGUES JÚNIOR, João Batista. **Eu benzo esta ilha**: memórias, reflexões e conceitos de um manezinho. Florianópolis: Nova Letra Gráfica e Editora Ltda, 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1996

SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada**: cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.